

INCLUSÃO DOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Isabelle Nunes de Brito¹

Elys Costa de Sousa²

RESUMO

Na sociedade atual, é notável o debate acerca da inclusão educacional, sendo necessário envolver o ambiente escolar e o âmbito social em geral. É necessário promover a inclusão dos alunos portadores de deficiências no ensino regular, entretanto, é de indispensável valia a devida assistência e atenção à estes indivíduos, com vistas a promover sua permanência no ambiente escolar. Neste sentido, este estudo relata sobre os alunos portadores de Síndrome de Down nas aulas de Educação Física Escolar e inclusão escolar. A metodologia aplicada consistiu em uma população de indivíduos dos sexos masculino e feminino, com idades entre sete e quinze anos, portadores de Síndrome de Down. A pesquisa é caracterizada como explicativa, de caráter de corte transversal, com variáveis qualitativas. Promoveu-se a observação dos alunos e discutiu-se, com lastro na literatura correlata, as circunstâncias de cada indivíduo. Concluiu-se que o professor é um ente indispensável para a inclusão do aluno, entretanto, é necessário que a escola não se exima da atenção e cuidado necessários às necessidades dos concernidos educandos, com vistas a garantir uma frequência otimizada no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Educação Física. Síndrome de Down. Sociedade.

INCLUSÃO DOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: isabellenbrito@hotmail.com

² Professora Mestra. Orientadora do Curso de Bacharelado em Educação Física do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: elyscosta@hotmail.com

ABSTRACT

In today's society, it is remarkable the debate about educational inclusion, being necessary to involve the school environment and the social sphere in general. It is necessary to promote the inclusion of students with disabilities in mainstream education, however, it is indispensable value due care and attention to these individuals, in order to promote their stay at school. Thus, this study reports on students with Down syndrome in physical education classes and school inclusion. The methodology consisted of a population of males and females, aged between seven and fifteen years, people with Down syndrome. The research is characterized as explanatory cross-sectional character, with qualitative variables. It promoted the observation of the students and discussed with ballast in the related literature, the circumstances of each individual. It was concluded that the teacher is an indispensable entity for the inclusion of students, however, it is necessary that the school does not absolve the attention and care necessary to the needs of the students concerned, in order to ensure optimum frequency in the school environment.

Keywords: Inclusive education. PE. Down's syndrome. Society.

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre a inclusão comporta várias dimensões associadas à diversidade de uma sociedade, indo além dos limites da sala de aula ou da escola e tocando todos os universos de convivência possíveis. Inclusão é atender a todos na escola, incorporar a diversidade sem nenhum tipo de distinção, ou seja, oferecer educação de qualidade para todos (CASA GRANDE, 2006).

Para incluir [...] É necessário muito mais do que o espaço em si, é necessário que haja mudanças de atitudes, não apenas dos professores, mas de todos que compõem [...] nesse processo de inclusão (RAVAZZI, 2009).

Apenas inserir alunos com deficiência no ensino regular juntamente com outros alunos sem deficiência não caracteriza a inclusão, pois segundo GLAT (1995) “embora seja possível fazer cumprir uma lei que obrigue escolas a receberem crianças com deficiência, não se pode fazer uma lei obrigando que as

pessoas aceitem e sejam amigas dos deficientes”.

A educação inclusiva deve ter como ponto de partida o cotidiano: o coletivo, a escola e a classe comum, onde todos os alunos com necessidades educativas, especiais ou não, precisam aprender e ter acesso ao conhecimento, à cultura e progredir no aspecto pessoal e social.

Conforme Casa Grande (2006), todos se beneficiam com a educação inclusiva. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), estudantes sem deficiência perdem o medo e o preconceito em relação ao diferente; desenvolvem a cooperação e a tolerância; adquirem senso de responsabilidade e melhoram o rendimento escolar, são mais preparados para vida adulta, pois desde cedo aprendem que as pessoas, as famílias e os espaços sociais não são homogêneos e que as diferenças são enriquecedoras para o ser humano.

Estudantes com deficiência ganham experiências com a variedade das capacidades humanas, aprendem a gostar da diversidade, explanam crescente responsabilidade e aprendizagem por meio do trabalho em grupo, com outros deficientes ou não, ficam preparados para a vida adulta em uma sociedade diversificada: entendem que são diferentes, mas não inferiores.

Aplicada ao contexto escolar, a inclusão subentende o acolhimento de todas as pessoas no sistema de ensino, independentemente de classe social, cor, condições físicas e psicológicas. Porém o termo é associado mais frequentemente à inclusão educacional de pessoas com alguma deficiência, seja física ou mental. A inclusão associa o processo educacional ao processo social, solicitando práticas educativas adaptadas às necessidades dos educandos e propiciando interações sociais com a diferença e a diversidade.

Especificamente em relação à integração dos alunos com Síndrome de Down (SD), Pick e Zuchetto (2010), destacam a importância de uma metodologia global que contemple objetivos orgânicos, neuromusculares, interpretativos, sociais e emocionais orientado por um programa especial que relacione atividades motoras e sociais utilizando jogos e brincadeiras e levando em consideração as limitações e necessidades dos educandos.

Refletindo a necessidade de adaptar a prática dos profissionais de Educação Física ao atendimento do educando com necessidades educativas especiais, surge no Brasil, no final dos anos oitenta a Educação Física Adaptada (DUARTE; WERNER, 1995). Prática esta, que vem norteando as aulas de Educação Física

Inclusivas. Diante do exposto, o presente estudo pretende identificar como o aluno com Síndrome de Down é incluído nas aulas de Educação Física Escolar.

2 METODOLOGIA

2.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população da presente pesquisa foi composta por sujeitos dos sexos masculino e feminino, com idades entre sete e quinze anos, portadores de SD, estudantes de duas instituições de ensino no Município de Natal/RN. A amostra foi de 03 sujeitos, moradores de Natal/RN, devidamente autorizados pelos pais e/ou responsáveis. Os mesmos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa descritiva observacional de corte transversal, com natureza qualitativa. A pesquisa descritiva, conforme Gil (2008) descreve as características de determinadas populações ou fenômenos.

2.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Como instrumento da pesquisa foi adotado uma rotina de observação. Esta rotina foi composta por vários critérios: Quantidade de alunos por sala; Formação do professor; Observar cada aluno durante 2 aulas: Interação do aluno com os colegas;

Relação com o professor; Participação do aluno com SD nas aulas de Educação Física; Execução das atividades; Aprendizagem dos conteúdos de Educação Física e Experiências negativas. Selecionados pelo autor em consonância com objetivo da pesquisa. A mesma foi aplicada em uma escola particular e uma da rede pública em aulas do ensino fundamental.

Em cada instituição de ensino, foi assinada uma carta de anuência da direção, autorizando a realização da pesquisa. Em seguida, o pesquisador/observador acompanhou duas aulas de Educação Física Escolar, em cada turma que tinha aluno portador da SD. Os critérios de observação foram

devidamente observados e registrados, conforme anexo.

A partir da observação da prática de inserção do aluno com SD nas aulas de Educação Física, à luz da bibliografia estudada, foram identificados os principais elementos que orientam ou limitam a atividade esportiva dos alunos com SD. Bem como, as práticas e estratégias destinadas a inclusão dos alunos com SD nas aulas de Educação Física e seus usos.

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

O material empírico coletado foi analisado do ponto de vista teórico-metodológico tendo em vista o que a literatura da área aponta como elementos constitutivos da escola inclusiva - estrutura, programas e atividades educacionais.

3 RESULTADOS

Os resultados encontrados serão apresentados de acordo com o roteiro observacional, para melhor compreensão.

Aluno A: 7 anos de idade, sexo feminino, alfabetizada e bem estimulada. Faz terapias com os seguintes profissionais: fonoaudiólogo, psicólogo e terapeuta ocupacional. É bastante calma, mas bem interessada. Participa de todas as atividades propostas pelo profissional com formação em Educação Física Licenciatura e Bacharelado, algumas vezes aceita ajuda, outras não. Tem um ótimo relacionamento com a professora, como também com os treze colegas de sala de aula. Os colegas são bem carinhosos com ela e também a ajudam a realizar as atividades.

Aluno B: 11 anos de idade, sexo feminino e não é alfabetizada. Na escola, até o horário do lanche, não dialoga com ninguém, logo após, melhora o diálogo com os colegas e professores. Não tem interesse e não participa das aulas de Educação Física. É bastante retraída.

Aluno C: 15 anos de idade, sexo masculino, comunicativo, carinhoso e bastante estimulado. É alfabetizado. Faz terapias com os profissionais: fonoaudiólogo e psicólogo. Adora atividade física, fez vários esportes: futebol, natação e judô (faixa azul), mas no momento não está em nenhum deles. Pretende voltar para a natação esse ano ainda, segundo sua mãe. Apesar de adorar atividade

física, não participa das aulas de Educação Física. Foram questionados os motivos da não participação, o mesmo respondeu que o horário é inconveniente (é no último horário de aula, já está faminto e sua mãe aproveita o horário do término das aulas dos irmãos e leva-o embora).

4 DISCUSSÃO

A fim de manter o sigilo sob a identidade dos sujeitos amostrais da pesquisa, trataremos como aluno A, B e C.

A aluna A possui um ótimo relacionamento com a educadora, é acolhida e auxiliada satisfatoriamente pelos colegas. Tal constatação é lastreada por Duarte e Werner (1995), no que diz respeito à Educação Física como método de análise da motricidade do ser humano, sendo necessário, entretanto, adaptar métodos inclusivos, os quais devem obedecer às propriedades de cada indivíduo.

A aluna B é caracterizada pela retração, fator que impede sua socialização e, conseqüentemente, o desenvolvimento de experiências sociais. Neste sentido, Pick e Zuchetto (2010) afirmam que as dificuldades de adaptação social devem ser aprimoradas, relacionando-se, nas aulas de Educação Física, a idade mental da criança e não a idade cronológica, observando as capacidades e limitações dos alunos. Assim sendo, é importante atrair os alunos caracterizados pelo isolamento social para a participação ativa nas aulas de Educação Física, almejando-se a atingir a criança de forma intrapsicológica, para satisfazer a sua integração social.

O aluno C apresenta comportamento social assemelhado com a entrevistada nº 1, sendo possível e correto respaldar seu comportamento nas declarações dos mesmos teóricos concernentes à primeira aluna.

Graaf (2002), conclusivamente, relatou que a cooperação do educador é fundamental para a obtenção de êxito na inclusão da criança portadora de SD, o que evidenciou-se na pesquisa em tela, no tangente aos entrevistados A e B. Segundo Saad (2003), em seu estudo fala que a preparação do indivíduo com a referida síndrome é insuficiente para promover a sua inclusão, demandando-se uma preparação integral da sociedade.

Nesta mesma pesquisa, Saad (2003) enfatizou que a sociedade pode ser humanizada ao observar e compreender o comportamento dos indivíduos portadores de SD, devido aos extensos ensinamentos que estas pessoas possuem

a respeito do próprio comportamento. Neste sentido, o convívio em sociedade não é uma concessão e sim um direito, o qual deve ser exercido pelas pessoas que necessitam de educação especial (SAAD, 2003). No presente estudo, também observou a autora que o envolvimento social, posto em prática pelos entrevistados A e C, é fator determinante para seu desenvolvimento psíquico e físico.

Ferraz, Araújo e Carreiro (2010) relataram que é necessário que as escolas apresentem oportunidades que permitam aos educadores e aos pais o compartilhamento de informações a respeito do processo de inclusão educacional, após constatar que os pais podem auxiliar os professores no concernente à interpretação do comportamento dos seus alunos no ambiente escolar. O autor sugeriu, ao concluir seu estudo, que sejam oportunizados, regularmente, encontros entre pais e educadores, estabelecendo, desta feita, a sua constante comunicação, respaldando o desenvolvimento das crianças portadoras de Síndrome de Down. Neste sentido, corroborou esta autora, visto que o conhecimento sobre a inclusão social pode auxiliar no desenvolvimento e enlace social do indivíduo B.

Rosa et al. (2008) concluíram que as escolas podem proporcionar às crianças com Síndrome de Down a possibilidade da aquisição de conhecimentos acerca da própria saúde, visto que a escola, segundo os aludidos autores, é um ambiente de aprendizagem, desenvolvimento e convivência de grande relevância, ao passo que Petty e Sadler (1996) afirmaram que o desenvolvimento da comunicação com a criança portadora de SD é imprescindível para o aprimoramento das capacidades do indivíduo. Esta autora obteve conclusão semelhante, visto que os entrevistados A e C, ao caracterizarem-se pela acessibilidade comunicativa, apresentam um desenvolvimento satisfatório.

Serapompa e Maia (2006), em um estudo denominado Acolhimento e inclusão da clínica ao acompanhamento escolar de um sujeito com Síndrome de Down, relatam o caso de um aluno, portador de SD, que apresentava-se entusiasmado com o seu futuro profissional. Os professores, através do aprimoramento de sua comunicação com o referido aluno, auxiliaram no desenvolvimento de suas aptidões, passando o aluno a expressar-se também corporalmente, demonstrando-se um indivíduo deveras extrovertido, passando a questionar e aprofundar-se nos conteúdos disponibilizados na sala de aula, passando a interagir com os demais alunos e com os professores.

Assim, Serapompa e Maia (2006) concluíram que é necessário considerar o

respeito ao indivíduo, no processo de inclusão, de forma que um ambiente acolhedor é caracterizado pela diversidade entre os indivíduos, sendo necessário o apoio do ambiente docente e da família dos alunos portadores de Síndrome de Down.

Luiz et al. (2008) concluíram que a inclusão é benéfica para os alunos portadores de SD, entretanto, é necessário superar alguns empecilhos, tais quais a preparação profissional dos educadores e a atenção dos familiares, criando, assim, uma rede de respaldo ao aluno, promovendo-se o diálogo entre pais e educadores, sugerindo ainda que os pais acompanhem os seus filhos no ensino regular, para melhor acolhê-los e compreendê-los, garantindo a boa fluência verbal entre alunos e professores.

Saad (2003) constatou que há poucas perspectivas para as pessoas com Síndrome de Down, quando não há empatia da sociedade com suas circunstâncias. Luiz et al. (2008) concluíram que a inclusão é comum em diversos países, entretanto, não há políticas formais para execução do processo inclusivo; entretanto, nos concernidos países, observaram benefícios de grande vulto para as crianças portadoras de SD, inclusive com participação dos familiares no processo educativo. Face ao exposto, diante da conclusão do referido autor, também observou esta autora que a inclusão, encontrando-se os familiares como figuras partícipes da experiência inclusiva, é uma ferramenta idílica para a obtenção do êxito no seu aprimoramento escolar.

5 CONCLUSÃO

Constatou-se que é necessário implementar métodos inclusivos de participação dos alunos portadores de SD, observando os parâmetros de cada aluno, podendo atentar-se para a metodologia global.

Observou-se que devem ser aplicados meios de atrair os alunos retraídos socialmente para a participação nas aulas de Educação Física, visando a promover seu aperfeiçoamento físico e psíquico, com vistas a praticar o enlaçamento social dos indivíduos.

Enquanto processo que expressa, atualmente, as lutas travadas para que pessoas portadoras de SD, perante os demais componentes da sociedade, sejam consideradas igualmente participantes da sociedade, é constante a luta que os professores travam para a aceitação das políticas de inclusão educacional. Os

embates atuais constantes em torno da inclusão educacional podem ser entendidos como a possibilidade que deve ser dada a estas indivíduos de vivenciar experiências as mais próximas possíveis do cotidiano da vida humana.

REFERÊNCIAS

SILVA, C. M. M. B.; SILVA NETO, J. G. **A língua portuguesa no médio: conteúdos de ensino e o desenvolvimento da aula.** São Paulo: Alfa, 2013.

BARRÈRE, A. **Les Lycéens au travail.** Paris: PUF, 1997.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 jun. 2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino médio. Brasília. 2000.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília. 1997.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

DUBET, F. **Sociologia da experiência.** Lisboa: Instituto Piaget. 1996.

FERRAZ, Clara Regina Abdalla; ARAÚJO, Marcos Vinícius de; CARREIRO, Luiz. Inclusão de crianças com Síndrome de Down e paralisia cerebral no ensino fundamental I: comparação dos relatos de mães e professores. **Rev. bras. educ. espec.,** Marília, v. 16, n. 3, set./dez., 2010.

GLAT, Rosana. **A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão.** Rio de Janeiro: Sete Letras, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LUIZ, F. M. R. et al. A inclusão da criança com Síndrome de Down na rede regular

de ensino: desafios e possibilidades. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 14, n. 3, set./dez. 2008.

PETTY, H.; SADLER, J. The integration of children with Down syndrome in mainstream primary schools: teacher knowledge, needs, attitudes and expectations. **Downs Syndr Res Pract.**, v. 4, n. 1, p. 15-24, 1996.

PICK, R. K.; ZUCHETO, A. T. **Comportamentos sociais de um portador de Síndrome de Down evidenciados na prática da educação física**: um estudo de caso. 2010. Disponível em: <<http://teste.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2010/04/sindrome-de-down-comportamento-social-e-atividade-fisica.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2016.

RIOLFI, Cláudia et al. **Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Thomson Learning. 2008.

SAAD, Suar Nader. Preparando o caminho da inclusão: dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com Síndrome de Down. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 9, n. 1, p. 57-78, jan./jun. 2003.

SERAPOMPA, Marisa T.; MAIA, Suzana M. **Acolhimento e inclusão**: da clínica ao acompanhamento escolar de um sujeito com Síndrome de Down. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 313-322, dez., 2006.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

APÊNDICE A – CARTA DE AUTORIZAÇÃO



LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA

Ao Sr. _____, carta de autorização.

Venho por meio desta, solicitar a autorização do Sr. para fazer uma observação a cerca da minha temática: inclusão dos alunos com Síndrome de Down nas aulas de Educação Física. A identidade será mantida no absoluto sigilo.

Isabelle Nunes de Brito,
aluna do curso de Educação Física Licenciatura.

Eu, _____, autorizo meu filho
_____ que participe como sujeito
integrante da pesquisa intitulada.

Natal, 02 de Maio de 2016

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

- Quantidade de alunos por sala;
- Formação do professor;
- Observar cada aluno durante 2 aulas:
 - Interação do aluno com os colegas;
 - Relação com o professor;
 - Participação do aluno com SD nas aulas de Educação Física;
 - Execução das atividades;
 - Aprendizagem dos conteúdos de Educação Física;
 - Experiências negativas.